

XV

A família e a polaridade vida e morte ¹

Marfiza Ramalho Reis

E agora José?

A festa acabou,

A luz apagou,

O povo sumiu,

A noite esfriou.

E agora, José?

.....

Você marcha, José!

José“, para onde?

(ANDRADE,C.D.2011)

Este texto representa e reflete um tempo delicado, através do filme “Minha vida”, em que as polaridades vida e morte equilibram-se numa balança em que só a arte, as imagens e, especialmente, a poesia impedem a armadura protetora e defensiva que petrifica a alma. Pois quando não sabemos como dizer certas coisas - sentimentos confusos, paradoxos da vida, contradições pelo menos aparentes - precisamos das artes, poesias ou das rezas.

Quando nos deparamos com o Arquétipo da morte e somos obrigados a realizar a nossa finitude, a vivência é do absurdo, do inacreditável e de tremenda limitação. “Ler, escrever ou ouvir poesia é abismar-se”, escreveu Afonso Romano Sant’Anna (O Globo 12/08/12). Refletir sobre a finitude, sinto ser também abismar-se, mas como os poetas falam melhor do que foi calado ou reprimido em nós, recorreremos a eles a fim de nos ajudar a transmitir o pouco que compreendemos dessa vivência.

¹ Texto do livro “**Família em foco: sob as lentes do cinema**”

O filme *Minha vida* (*My Life*) é um drama, longa-metragem, de 1993, com roteiro e direção de Bruce Joel Rubin. Nesse longa americano, Michel Keaton representa Bob Jones, um homem que vive polos opostos ao mesmo tempo. Ao receber a notícia de que será pai pela primeira vez, descobre também que está com uma doença terminal - um câncer inoperável e tem os dias contados. Decide, então, gravar um vídeo para o filho como um jeito de transmitir suas experiências. No processo descobre muito sobre si mesmo e das pessoas em torno. Bob, um executivo bem-sucedido, proprietário de uma bela casa e casado com Gail (Nicole Kidman), aparenta felicidade, entretanto, a chegada do seu filho coincide com a sua partida. Como diz Fernando Pessoa: (PESSOA, 2009.p.177)

A morte chega cedo,
Pois breve é toda vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida.
O amor foi começado,
O ideal não acabou,
E quem tenha alcançado
Não sabe o que alcançou.
E tudo isto a morte
Risca por não estar certo
No caderno da sorte
Que Deus deixou aberto.

A convivência com uma doença incurável é dolorosa para uma família, independente em que estágio esteja, se no início, como no filme, na maturidade ou na velhice. Não compreendemos a morte e nem por que algumas pessoas sofrem tanto para morrer. Só nos resta deixar que histórias reverberem em nós à busca de sentido. Muitos filmes falam sobre as doenças cancerígenas, entretanto, o “Minha vida” traz não só o morrer, mas também o nascer e o viver. Um vai e o outro chega, é o movimento da vida, morrer para renascer, o velho e o novo. No filme “O Vampiro de Dusseldorf” o vampiro diz: “Você já imaginou a angústia de não morrer nunca?”

É sugestivo que a primeira imagem do filme seja a lembrança de uma cena de infância em que o Bob, talvez com uns 7 anos, olha para o céu e pede: “...estrelinha,

estrelinha, tenho um desejo em meu coração, quero um circo no quintal....” Ele acredita que seu desejo será realizado e convida os amigos para a festa e, claro, quando chegam, a decepção de, no quintal, só ter varais com roupas. Ainda jovem deixa sua cidade, a família e vai à busca do seu sonho. Assim, parece ter levado sua vida com arrogância e muito trabalho para ser um profissional bem sucedido.

A doença surge e inicia-se um novo processo em sua vida. Entre dores e temores, Bob, sabendo da limitação do seu tempo, passa a registrar em vídeo depoimentos seus, dos amigos, parentes e colegas de trabalho. Inicia assim: “Eu sou... Bob, ...Bob Jones,Robert Jones, antigamente eu era Bob Jones. Nasci em Detroit.... ... estou condenado à morte, ... começou pelos rins e se espalha pelo pulmão. A grande dificuldade não é eu estar para morrer, mas você para nascer”.

Ele parece confuso com o que “eu era” e o “que sou” e também o “eu vou” e “você vem”. Como lidar com essas polaridades?

Como um dos grandes humanistas e um dos maiores pensadores da psicologia, Carl Gustav Jung teve um olhar sistêmico para o ser humano. Para ele as questões humanas, tanto para o bem quanto para o mal, pedem um olhar para o passado, presente e futuro. Jung se orienta por uma filosofia de vida em que o homem é visto em sua totalidade, sendo o *opus* - o trabalho - a busca da reconciliação dos opostos: consciente--inconsciente; bem-mal; masculino-feminino; indivíduo-sociedade; eu-outro; vida e morte. O abismo entre essas polaridades no próprio indivíduo talvez seja o gerador de doenças.

Em *Living with Death and Dying*, Elizabeth Kubler-Ross fala de cinco estágios num paciente terminal, passa pela negação, pela raiva, pela barganha, pela depressão e finalmente pela aceitação. No filme essas fases ficam claras, não só para o protagonista mas também para a família. A doença, por um tempo, ficou em segredo. Eles não falam sobre o assunto doença, muito menos sobre a morte. Ele não conta para sua família de origem, nem para os amigos e, entre o casal parece ser um tema proibido. Bob mostra uma certa ironia e cinismo para defender-se da amargura, da pressão do tempo e do medo de não conhecer o filho. Às vezes ri de sua própria desgraça. Na maioria dos casos, os pacientes sabem sobre seu diagnóstico e prognóstico mas temem a sobrecarga dos diálogos. Assim, a comunicação vai sendo interrompida e o silêncio em nada ajuda, ou seja, falam sobre a formiguinha quando se tem - ao lado - um leão.

Numa visita a seu médico ouve que teria de três a quatro meses de vida e diz - “Eu ainda estou no jogo”, no que o médico afirma não haver mais nenhum tratamento que possa salvá-lo. Já na rua com a esposa, dá meia volta, entra no hospital correndo à procura do médico. Ao encontrá-lo diz - “Quem você pensa que é? Deus? Como pode acabar com a minha esperança? Ela é tudo que eu tenho”.

Da nossa pesquisa, parece-nos que essa atitude do médico não é a mais adequada. De acordo com o médico alemão Walter Weber, seria mais correto dizer que um tratamento puramente convencional muito provavelmente não teria sucesso. Diz ele:

O termo “incurável” deveria ser excluído do vocabulário dos médicos, uma vez que eles não curam as pessoas, mas somente as tratam de acordo com o princípio *medicus curat – natura sanat*, ou seja, o médico trata, a natureza cura. (WEBER. W.2012.p.119).

A notícia de uma metástase provoca um desequilíbrio em todo o organismo pessoal e familiar. Em Poesia, (PESSOA, 2009. p.189) lemos:

Da minha ideia de mundo
Caí...
Vácuo além do profundo,
Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo em si próprio, caos
De ser pensado como ser...
Escada absoluta sem degraus...
Visão que se não pode ver...

Além Deus! Além Deus! Negra calma...
Clarão do desconhecido...
Tudo tem outro sentido, ó alma,
Mesmo o ter-um-sentido...

Bob demonstra ter vivido mais preocupado com o trabalho do que com seus sentimentos. Afastado da família de origem, pais e irmão, reprime os sentimentos. O que acontece com a família moderna? Aparentemente próximos uns dos outros mas tão distantes nos afetos. Emoções contidas corroendo as entranhas, medos e segredos a minar as energias.

Todos nós temos uma vida vivida e outra não vivida, seja por desconhecermos, ou porque decidimos esconder dos outros e até de nós mesmos. Para Bob, o contato com sua sombra começa ao ouvir uma gravação em que um “amigo” fala o que realmente sabe e pensa a seu respeito, por imaginar que o gravador estivesse desligado.

Os conflitos e questões com o outro, dentro e fora, precisam ser equacionados. Estamos sempre lidando com a nossa ambiguidade, em que as polaridades se mesclam; bem-mal; consciência-inconsciência; insensatez-sabedoria; vida-morte. Somos seres da incompletude, e como Jung enfatizou, a meta do processo de individuação não é o homem perfeito, mas completo com sua luz e sombra. É essa consciência da predisposição para o mal que nos permite resistir a tais forças internas, pois, reconhecendo-as como nossas, não excluimos nem projetamos nos outros.

A esposa demonstra o exercício da paciência, chama-o para acompanhá-la ao exame da ultrassonografia, o que ele recusa. Insiste para o reencontro com a família de origem e ele ironiza: “Passei 20 anos tentando sair de Detroit, não quero voltar lá”. Ela insiste para que ele procure a medicina chinesa, “um curandeiro”? Responde com sarcasmo. Numa noite acorda assustado com um sonho em que ele está perdido. Sabemos que a função dos sonhos é de ampliar nossa consciência, o que parece ter acontecido com o Bob. Percebe que a medicina convencional não lhe dá resultado, então, procura práticas alternativas. Encontra um médico oriental, Dr. Ho (Haing S. Ngor), que amplia o tratamento considerando as questões emocionais e o estresse. Na primeira consulta, quando examinado, ele relaxa e tem visões de luz. Assusta-se e quer sair, o médico diz - “Você guarda muita ira.Você quer levar toda essa dor para a outra vida?” Essa pergunta leva-o a profundas reflexões. Em uma cena na sauna, com um amigo, ele começa a refletir sobre a reencarnação e sobre o valor das coisas. O amigo acha a conversa ridícula, “o que é, virou filósofo?”

O filme fala da necessidade de mudanças de rumos, do fazer diferente no cotidiano, mudanças de rumos na vida, a necessidade de atentar para a não rigidez, a

brevidade da vida, assim como a força das relações. A doença como oportunidade, resgates, encontros e reencontros.

Refletindo sobre a relação psique-soma, no artigo “Espiritualidade e Cura - conexão da psique e da matéria” (REIS, 2004) procuramos compreender esse fenômeno da cura e saúde tentando mostrar como, através dos tempos, práticas e rituais curativos foram desenvolvidos para lidar com a doença, e como as culturas têm oscilado entre o reducionismo e o holismo nas práticas médicas. Procuramos ressaltar a perspectiva holística, conhecida como “sistêmica”, para mostrar que a saúde envolve aspectos físicos, psicológicos e sociais.

Sintoma-símbolo aponta para algum conteúdo que precisa ser integrado à consciência. Isso significa ver o indivíduo em sua totalidade e não em uma doença isolada do seu contexto. Podemos observar que em momentos de mudanças ficamos mais vulneráveis aos sintomas e/ou aos distúrbios psicossomáticos. Isso explica por que toda mudança exterior pede um ajustamento pessoal em que o indivíduo se vê obrigado a confrontar “ganhos e perdas” em uma nova ordem. Aqui alguns exemplos - o desmame, a entrada na escola, a adolescência, o casamento, o nascimento do primeiro filho, a menopausa, a andropausa, a aposentadoria e, enfim, a velhice e a morte.

O retorno ao consultório do médico chinês parece dar ao nosso protagonista um vigor maior. Lá ele ouve - “Sua ira é muito antiga e muito profunda, se você ouvir seu coração, não vai precisar de mim. Perdoe!” Nas consultas, ao relaxar, tem visões de círculos de luz. É, então, orientado a como aquietar-se para ouvir o coração.

Levando em conta no esquema corporal os três pontos chave que são a cabeça, o coração e o sexo, o coração sempre foi considerado como a morada do Espírito Santo, ou seja, o lugar que possibilita o contato com o simbólico e o transcendente, onde o divino manifesta-se. Os gregos falam em *Gnoses Kardis* como o conhecimento do coração, o lugar da intuição. No Egito, era a única víscera que permanecia nas múmias. Eles acreditavam em outras vidas e que o espírito do morto teria contato com o transcendente. O coração era considerado o símbolo de contato entre os mundos, o símbolo da eternidade. Para os alquimistas, o coração era a imagem do sol dentro do homem, assim como o ouro dentro da terra era outra imagem do sol.

Os problemas cardíacos atuais estão sendo relacionados ao estresse, o mesmo que sobrecarga, ou seja, peso maior do que o coração suporta. Ao mesmo tempo, falamos do quanto as palpitações do coração e a respiração contida, ou mesmo as

anginas, não são consideradas enquanto esforço do coração para se comunicar. Devemos, então, perguntar-nos “o que é que sufoca? O que bloqueia a respiração?”

Assistindo “*O Poder do Mito*” (entrevista com Joseph Campbell conduzida pelo jornalista Bill Moyers, em DVD) registramos o seguinte:

“B.M. – E libido?

J.C. – A libido é o impulso da vida.

B.M. – Que vem de onde?

J.C. – Do coração.

B.M. – Que é o coração?

J.C. - É o órgão de abertura para outra pessoa. É a qualidade humana diferente dos animais. Abrir-se para o outro é abrir o coração e os trovadores perceberam isso”.

Para o oncologista, a doença do Bob começara nos rins. No entanto, para o médico oriental, o problema do Bob era no coração. Na locução fr. *sonder les reins et les coeurs* (sondar os rins e os corações), os rins são entendidos como sede dos desejos secretos, enquanto o coração designaria os pensamentos mais íntimos.

Bob vive o conflito encontro e desencontro, tem fantasias dos tempos em família e recusa-se a visitar os pais. Entretanto, sabe da limitação do seu tempo.

No filme “O Sétimo Selo”, o cavaleiro cruzado, numa Europa devastada pela peste, como mostra Bergman, é surpreendido pela morte. A Grande Ceifadora lhe pergunta: “Voce está preparado?” e ele responde: “Meu corpo está, eu não”. E, propõe a Ela um jogo de xadrez para barganhar sua vida, acreditando ganhar mais tempo. Preparado para morrer? Que será isso? Andrade (1991, p.12) dizia que “ninguém está preparado para morrer, mas isso não faz diferença: morre-se assim mesmo. ...A morte ri de quem se finge de morto, e chega para dar-lhe crédito”. Jung disse que se compreendermos bem, o processo de individuação é uma preparação para a morte. Talvez por isso, bem poucos conseguiram morrer bem, individuar-se como Cristo, Buda, Gandhi e outras figuras anônimas que a nossa limitação não permitiu perceber. Nosso protagonista, o Bob Jones, pode ter sido um deles ao se ligar à vida e demonstrar compreender que não morreria, viveria através do filho. Não podemos afirmar que a vida de Mozart foi curta pois ele vive até hoje, assim como Carl Gustav

Jung, Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, tão presentes neste texto. Do poeta Fernando Pessoa (2008 p.108)lemos:

A morte é a curva da estrada.
Morrer é só não ser visto.
Se escuto, eu te ouço a passada
Existir como eu existo.

A terra é feita de céu.
A mentira não tem ninho.
Nunca ninguém se perdeu.
Tudo é verdade e caminho.

Não temos a intenção de discutir o que nos espera “no fim” nem se concordamos com os que, por razões de fé ou por experiência pessoal, acreditam numa pós-vida. As religiões oferecem sugestões de imortalidade e podemos considerar que o filho do Bob, com sua herança no DNA, vivifica o pai. Ao registrar sua vida através dos vídeos e contar suas experiências pessoais, ele tenta prolongar sua existência e tornar visível o que o filho já carrega em si. No início das gravações diz para o filho - “Acho necessário que você veja isso, para que saiba que o que você é, não é necessariamente culpa sua, pode pôr a culpa na genética”.

O contato com esse desconhecido que temos em nós se faz através dos símbolos, e, imagens são símbolos. Bob não é linear nem literal nas suas gravações mas fala de si muito mais do que imagina ou pretende. Sua emoção frente ao mistério da vida e da morte aciona os registros. Ele presta um serviço à sua alma por não negar a morte. Isso acontece quando um dia chega em casa e vê sua esposa emocionada vendo seu vídeo. Ela estava ressentida por ele falar com uma máquina e não com ela. Rompe-se a couraça, já que, agora, ele não está mais sozinho. Torna-se mais fácil conviver com a presença da morte.

Ao receber a notícia de um câncer invasivo, os membros da família ficam impactados e o sentimento é do inacreditável. Com toda a dor, é importante que possam falar a respeito para que o doente possa sentir-se acolhido e amparado. A dor não é individual, mas de todos. Tudo começa a mudar na casa desde o som, o cheiro e o entra e sai de familiares e amigos. As relações mudam, e é necessário que tal

mudança aconteça, a fim de que todos os membros da família possam viver a dor, mas também, a sensibilidade e a ternura desse tempo da delicadeza.

Depois do tempo da perplexidade e do espanto, a “certeza única é o mau presente”, escreveu Fernando Pessoa.(2009, p.105).

Pois que nada que dure, ou que, durando,
Valha, nesse mundo confuso obramos ,
E o mesmo útil para nós perdemos
Conosco, cedo, cedo.

O prazer do momento anteponhamos`
À absurda cura do futuro, cuja
Certeza única é o mau presente
Com que o seu bem compramos.

Amanha não existe. Meu somente
É o momento, eu só quem existe
Neste instante, que pode o derradeiro
Ser de quem finjo ser?

Como ficaria nossa equação pessoal se baseássemos nossa vida no medo e negássemos a morte, a realidade última? Se adentrássemos nas fantasias de imortalidade, negando a morte, nossa caminhada seria claudicante, sem vigor. A esse respeito diz Jung:

A vida natural é o solo em que se nutre a alma. Quem não consegue acompanhar essa vida, permanece enrijecido e parado em pleno ar. É por isso que muitas pessoas se petrificam na idade madura, olham para trás e se agarram ao passado, com um medo secreto da morte no coração. Subtraem ao processo vital, pelo menos psicologicamente, e por isso ficam paradas como colunas nostálgicas, com recordações muito vívidas do seu tempo de juventude, mas sem nenhuma relação vital com o presente.

(JUNG.1971.O.C.v.VIII. par.800)

Bob e Gail partem a caminho de Detroit. Com a câmera nas mãos, procura antigos amigos e vai à casa da sua infância, onde retira da parede um boneco- homem num paraquedas e o joga ao ar, libertando-o. Essa cena representa seu caminho de resgates e libertação.

Chegam para a festa de casamento do irmão com a filmadora, pois, filmar a cena era mais importante que os abraços. Registra os depoimentos dos familiares e quando chega a vez dos pais, ouve do pai - “Oh! Bob você nunca sai de trás desse troço.” E da mãe - “Eu não tenho nada a dizer, pare de se esconder dessa maneira, queremos você!” Na festa a família dança, brinca e ele registra. O irmão leva-o à roda e eles dançam. Um forte abraço quebra o gelo. Após essa cena, nova sessão de depoimentos e, então, a catarse entre filho e pais. O pai diz que desde criança ele era arrogante e que certa vez sua mãe fora à sua escola e ele fingira não conhecê-la. “Você foge de tudo”- afirma o pai. As mágoas aparecem, e o irmão fala da diferença entre eles - “você sempre odiou seu pai por ser um sucateiro, e eu o amei por ser um trabalhador”. Bob fala da sua mágoa do pai sempre ausente, trabalhando, e ele, sempre sozinho. Diz: “Vocês nunca foram me visitar, conhecer minha empresa”.

Retorna à casa sem falar sobre a doença; porém, visivelmente transformado. Numa consulta, ouve do médico chinês - “Voce só precisa ir a um lugar... seu coração”. Vai, então, ao encontro da mulher num exame de ultrassonografia. Emociona-se junto com a esposa ao ver o bebê de 27 semanas e descobrem ser um menino. Brindam e brincam com o possível nome do filho, o que resulta numa linda cena de amor e sexo. Realiza-se a integração dos opostos; homem e mulher se unem de corpo e alma. Não há mais espaço para o medo da morte - o amor é eterno.

No processo de desenvolvimento da personalidade, a exclusão é a morte simbólica, tentamos enterrar o que nos envergonha. Se essa morte não implicar em transformação, ou seja, na *coniunction* em que os opostos se unem para surgir um terceiro, surgirá a petrificação. Inclusão é a coragem do confronto com as diferenças, com o que se apresenta como um outro estranho e oprimido.

Byington, (1996) escreve sobre os arquétipos da vida e da morte como funções estruturantes - criativas e defensivas - do processo de desenvolvimento simbólico da psique. Para a psicologia simbólica e psicologia analítica, a morte não é oposta à vida, mas se integram no processo de desenvolvimento, como positiva e negativa, desejável e indesejável em função do processo. O polo da vida do arquétipo é expresso pelo

interesse, pelo fascínio e pelo ganho. O polo da morte, por sua vez, expressa o desinteresse, a perda, o desapego, a depressão e o luto.

A essas potencialidades boas e más, construtivas e destrutivas, dependendo do modo como as pessoas se relacionavam com elas, os gregos chamavam de *daimons* – qualquer função natural com poder de dominar a pessoa. Platão utilizou a palavra *daimon* como sinônimo de *Theos* (deus); o poderoso *Eros* também era um *daimon*.

É interessante notar que a palavra grega *diabolos* (diabólico) significa “separar” (*dia-bollein*), que é o antônimo de “simbólico” (*sym-bollein*) que significa “unir”. Ambos esses aspectos estão presentes no daemônico.

Nós vivemos a morte como coisa do diabo, morte e vida como contrárias e não como faces de uma mesma moeda. A doença e a morte, por serem difíceis e dolorosas, não equivalem ao mal. Na abordagem budista, a vida e a morte são vistas como um todo, onde a morte é um começo de um novo capítulo da vida. A morte é um espelho onde o inteiro significado da vida é refletido. Há um ditado tibetano que diz: “Amanhã ou a próxima vida – o que vem primeiro, nunca se sabe”.

Rinpoche. S. em “O livro tibetano do viver e do morrer” conta a história de Krisha Gotami, uma jovem que viveu na mesma época do Buda. Seu filho primogênito morrera com cerca de um ano e ela agarrada ao seu corpinho perambulou pelas ruas implorando um remédio para restituir-lhe a vida. As pessoas achavam que ela estava louca, até que encontrou um sábio que disse-lhe, ser o Buda, a única pessoa que poderia realizar o milagre que ela queria. Ela foi ao Buda e contou-lhe sua história. Ele ouviu com compaixão e disse - “Há apenas um modo de curar sua aflição. Vá à cidade e traga-me uma semente de mostarda de uma casa onde nunca tenha ocorrido um falecimento”.

Krisha Gotami sentiu-se exultante e partiu imediatamente para a cidade. Parou na primeira casa que viu e disse: “O Buda pediu-me para buscar uma semente de mostarda de uma casa que nunca conheceu a morte”. -“Muita gente morreu nessa casa”- contaram-lhe. Ela passou para a casa seguinte. -“Houve muitas mortes em nossa família” - disseram-lhe. E assim foi na terceira e quarta casa, até que ela percorreu a cidade toda e percebeu que o requisito do Buda não poderia ser cumprido. Tomou o corpo do seu filho, levou-o à sepultura e disse-lhe adeus.

Voltou ao Buda que perguntou-lhe: “Voce trouxe o grão de mostarda”? “Não”- disse ela - “começo a entender a lição que está tentando me ensinar. O sofrimento me cegou e eu imaginei ser a única pessoa que sofria nas mãos da morte”.

“Por que você voltou”? perguntou o Buda. “Para pedir-lhe que me ensine a verdade”, ela respondeu, “sobre o que é a morte, o que pode haver por trás e além dela, e o que há em mim, se é que há algo que não morrerá”.

O Buda começou a ensinar-lhe - “Se quer saber a verdade da vida e da morte, precisa refletir continuamente sobre isso: há somente uma lei que nunca muda no universo – é a de que todas as coisas mudam, todas as coisas são impermanentes”. Ela o seguiu pelo resto da vida.

É necessário que questionemos o porquê, ou seja, qual a ligação com o passado e como tem sido o relacionamento familiar, assim como qual é a história da família de origem. Importante também nos interrogarmos sobre o futuro; qual o sentido disso, por quê estamos passando por isso. O desenvolvimento da nossa humanidade - nossa vida com um princípio e um fim - passa pela convivência com as diferenças. O sujeito se constitui no diálogo com o outro e é esse outro que aponta para o meu lugar na sociedade e diz quem sou eu. A relação interpessoal nos remete ao outro dentro de nós. Os filhos, mais do que qualquer pessoa, nos remetem ao nosso outro interior, apontam nossas semelhanças e nos falam do que não sabemos ou não queremos ver.

Começo e fim são aspectos inevitáveis de todos os processos e não sabemos onde começa e onde termina. O filho de Bob é a sua presença continuada e as imagens que deixa é para que o filho o reconheça, um testemunho do que herdará. Assim, parece que a morte apenas transforma o relacionamento pai-filho, porém, não elimina a presença.

Jung relata da sua experiência clínica e, constatamos em nossa prática, que aqueles que estão morrendo não sonham com finais, sonham com passagens e restabelecimentos. Quando sonhamos com morte, raramente os sonhos representam morte física mas, sim, a psique apontando para transformações e mudanças de estágios na vida. Como sabemos, os sonhos servem à lógica da psique e não à da consciência. Jung trouxe-nos a consciência de que, mesmo com toda a nossa individualidade, carregamos uma energia universal. Diz ele (JUNG, 1983. par.146) - “Essencialmente cada vida individual é ao mesmo tempo a vida eterna da espécie”.

A morte - essa verdade inevitável - nossa consciência sempre recusa-se a aceitar. Nós ficamos presos à ilusão da eterna juventude, mesmo sabendo que ascensão e declínio formam uma só curva. E, como disse Jung (1971.par.800): ... só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-

dia da vida inverte-se a parábola e nasce a morte.” Jung relata sua experiência com pessoas até mais de um ano antes do indício de morte, mesmo nos casos em que a situação externa não permitia tais pensamentos. Ele afirma que o processo tanatológico começara muito antes da morte real. Ocorre uma mudança peculiar de caráter que precede a morte e, ele se espantava de ver o pouco caso que a psique inconsciente fazia da morte. “Parecia que a morte era alguma coisa relativamente sem importância”.

Após o encontro amoroso, Bob volta a brincar indo a um parque de diversões com a mulher. Numa montanha russa, um garoto ao seu lado lhe sugere soltar as mãos como os demais, como num voo livre. Ele segura firme, tem medo. No meio do parque diz à mulher que aquele era o dia D, ou seja, o da sentença do médico. “Já estou devendo a São Pedro”. Numa linda cena, eles se abraçam e dançam.

O filho anuncia a sua chegada com as contrações da Gail. Na maternidade, Bob abraça a mulher ajudando-a suportar as dores. O médico lhe diz para pegar a filmadora e assim o faz, mas não filma. Pasmado, vive a emoção do nascimento do filho. Alguns meses depois, talvez dois ou três, é levado ao hospital e ouve do médico que o câncer atingira o cérebro e considera um milagre ter se mantido vivo até então.

Ele mantém as visitas ao médico chinês onde continua vendo muita luz, círculos de luz. O dr. Ho lhe diz que aquela é a luz do seu Ser, a que pode curá-lo; “ponha sua casa em ordem e procure paz!” Bob, já claudicante, porém tranquilo, recebe os cuidados da enfermeira. Surge em cena a dor da esposa quando chega à casa a cama hospitalar. Ela chora, sofre e diz - “eu o queria na minha cama.” A separação de corpos acontece e ela suspira ao realizar a despedida. Até que a morte nos separe, separa? Na clínica, quando ouvimos os conflitos entre nora e sogra, gostamos de falar: “olha, não tem ex-mãe”. É certo que não há ex-pai, ex-mãe, ex-filho, mas, e um grande amor, aquela transferência intensa que não se repete, há ex? Talvez não haja para os que puderam “Viver um grande amor” assim como diz Vinicius de Moraes (2005. p. 129):

“Pra viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito siso.....
.....Pra viver um grande amor perfeito, não basta ser apenas um bom sujeito; é preciso ter muito peito- peito de remador.....
.....Pra viver um grande amor é muito, muito importante viver sempre junto e até ser, se possível um só

defunto- pra não morrer de dor. É preciso um cuidado permanente não só com o corpo mas também com a mente....”

Se a relação com um grande amor não é só corporal, como separá-la no psiquismo as almas? Que seria “presença na ausência” de uma profunda amizade e um grande amor? Como falou Carlos Drummond de Andrade (2011) “essa ausência, essa ausência assimilada ninguém a rouba mais de mim”. E, em “As sem razões do amor” escreveu:

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Nos momentos de dores, em que a morte coloca o homem diante de seus limites, podemos imaginar o Bob ao ler “Angústia” de Fernando Pessoa (2007. p.445)

Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,
Este quase,
Este poder ser que...
Isto.

Ou, Andrade (2011,p.21) em “Poema de Sete Faces”:

“Meu Deus, porque me abandonaste
Se sabia que eu não era Deus
Se sabia que eu era fraco”

Os pais de Bob, o irmão e a cunhada chegam para visitá-lo. Presenteiam-no com um circo no quintal, o desejado na infância. Agora nada mais é absurdo, tudo é

possível. Pode até declarar seu amor ao pai. Já no final, o Bob apresenta uma calma impressionante. Abre seu coração para o filho e, ao lado do berço diz - “Esse negócio de morrer não foi ideia minha, talvez eu ficasse como meu pai... ...morrer é uma maneira muito dura de aprender sobre a vida. ...Sou muito grato por esse tempo com você, foi o período mais feliz da minha vida”.

Num processo doloroso como na fase terminal, no estado agônico em que cada momento pode significar o fim, não há o que falar e, como faz Gail, apenas molhar seus lábios e trocar olhares de profundo amor. É o tempo da delicadeza e ternura, arrepios e emoção “à flor da pele.” Em “Saber cuidar”, Boff (2000, p.109) ressalta a diferença do sentimentalismo em que “o sujeito se dobra sobre si mesmo e celebra suas sensações”; enquanto que a ternura, diz ele, “irrompe quando o sujeito se descentra de si mesmo, sai na direção do outro, sente o outro como outro, participa de sua existência, deixa-se tocar pela sua história de vida”. A ternura é livre de dominação, a sintonia com o outro é sentida e assim o desejo de compartilhar as lutas, a vida e a morte.

O caminho para a justa medida parece ser o do autoconhecimento, é assim que vamos ao outro, de verdade, de coração. Precisamos, então, equacionar as diferenças.

Só aquele cuja lira luminosa
ecoou nas sombras
poderá um dia restaurar
seu infinito louvor.

Só aquele que comeu
Papoulas com os mortos
Nunca voltará a perder
Aquela suave harmonia.

Mesmo que a imagem
Nas águas se enevoe:
Conhece e aquieta-te

No mundo duplo
Todas as vozes ganham

Eterna suavidade.

Rainer Maria Rilke

The sonnets to Orpheus

Só podemos falar do lugar do observador e da vivência familiar, ao acompanhar pessoas queridas à espera da morte. Nossa capacidade intelectual não alcança o que é a experiência real da morte. O tremor e o temor vividos no lugar do observador nos impossibilita transmitir informações objetivas. Se pudéssemos perguntar à esposa de Bob sobre sua experiência, provavelmente ela teria dificuldade em responder objetivamente. E assim, ao final, Gail lhe diz - “Tá tudo bem, eu sei o que tem no coração. Eu amo você, você é o amor da minha vida”. Bob fecha os olhos e a imagem da “montanha russa” aparece e, lá ele já está com as mãos soltas, envolto em muita luz. A cena final é do filho assistindo as gravações e dizendo: “Papai”. Finalizamos o texto ouvindo Milton Nascimento cantando “Maria, Maria:

Mas é preciso ter força.
É preciso ter raça.
É preciso ter gana sempre.
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria.

Referências bibliográficas.

ANDRADE, C.D. *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: Record. 1991.

----- *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record. 2011.

BYINGTON, C.A. O arquétipo da vida e da morte: um estudo da psicologia simbólica. *Junguiana*. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. V.14 p.92-115. 1996.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Rio de Janeiro.2000.

JUNG. C. G. A alma e a morte In: *A dinâmica do inconsciente*. O.C.v.VIII. Ed. Vozes. Petrópolis. R.J. 1971.

----- Historia e psicologia de um símbolo natural. In: *Psicologia e religião ocidental e oriental*. O.C. v. XI. Ed. Vozes. Petrópolis. RJ. 1983.

MORAES, V. *Para viver um grande amor*. Companhia das Letras. São Paulo. 2005.

PESSOA, F. *Poesia*, 1931 -1935: e não datada. Companhia das Letras. São Paulo. 2009.

----- *Cancioneiro* / Fernando Pessoa. Martin Claret. São Paulo. 2008

----- *Poesia completa* de Álvaro de Campos. Companhia das Letras. São Paulo. 2007.

REIS, M.R. Espiritualidade e cura – Conexão da psique e da matéria. *Junguiana*. São Paulo. V.22 p.33-43. 2004.